

# PELOS PALCOS DA VIDA: O PROTAGONISMO DAS MULHERES SUL-RIO-GRANDENSES

ROSA CRISTINA HOOD GAUTÉRIO\*

## RESUMO

O presente trabalho concentra-se na presença das vozes femininas inscritas fora do discurso oficial hegemônico na virada do século XIX para o XX, no Rio Grande do Sul, demonstrando a articulação das mulheres nas estratégias de mudança social.

**PALAVRAS CHAVE:** Periodismo; Literatura; Teatro, Feminismo; Sul do Brasil.

## ABSTRACT

This article focuses on the presence of female voices registered outside the official hegemonic discourse at the turn of the 19th century to the 20th, in Rio Grande do Sul, demonstrating the articulation of women in the strategies of social change.

**KEYWORDS:** Journalism; Literature, Theater, Feminism, Southern Brazil.

Contra sua situação biológica e política Helena e Antígona foram mulheres que se reinventaram na literatura grega. Em tempo de arranjos políticos entre reis, a primeira, rainha, foge com um estrangeiro abandonando seu rei Menelau. Ele, implacável e inconformado, parte para uma guerra de dez anos contra Troia. A segunda, indignada com as ordens do rei Creonte, rouba o cadáver insepulto do irmão Polinice e tenta enterrá-lo com as próprias mãos. Pelo desmando, o rei ordena sepultá-la viva. Assim como Helena e Antígona, ao longo dos séculos, algumas mulheres foram contrárias ao *status quo* e desafiaram a ordem pré-estabelecida. Neste trabalho, interessa-nos um grupo de mulheres que espalharam suas ideias de igualdade no final século XIX e início do XX na província de São Pedro, abrindo espaço num movimento feminista ainda incipiente no Brasil. Merecerá destaque, em nosso estudo, a

---

\* Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [rosacristinah@yahoo.com.br](mailto:rosacristinah@yahoo.com.br)

jornalista, atriz e dramaturga Andradina de Oliveira.

Quando falamos em gênero e sua relação entre masculino e feminino compreendemos que esse processo foi construído por um conjunto de regras com uma “prática discursiva de um sexo sobre o outro que produziu um saber e uma estratégia de poder, utilizando a sexualidade como um dos instrumentos mais eficazes no controle do indivíduo” (BICALHO, 1998, p. 149). Partindo dessa proposição, “os papéis e identidades, tais como “esposa ideal”, “boa mãe”, “paide família”, (...) – aparentemente fixos e imutáveis –, são encarados como situações e ideias produzidas, (...) e/ou transformadas ao longo do tempo, que podem variar em cada contexto social.” (BASSANEZI, 1996, p. 11).

Precisamos dar conta da história, documentando os sujeitos a partir das relações “de identidade produzidas, e/ou transformadas ao longo do tempo”, conforme aponta o recorte supracitado. Por essa via, nosso estudo volta-se para uma época e um contexto específico, lançando mão de um recorte temporal que data do final do século XIX e início do XX, particularmente no Rio Grande do Sul, demonstrando como se deu a conquista dos espaços públicos pelas mulheres, notadamente por meio das artes – letras e teatro – e do jornalismo.

Foi inicialmente no mundo das letras, particularmente na literatura, no Rio Grande do Sul, que um pequeno grupo de mulheres se pronunciou fora do ambiente doméstico. Isso significa dizer que as companheiras de letras buscavam apoio entre si, formando uma espécie de “caixa de ressonância” (SOARES, 1980, p. 146) para suas ações. A caixa de ressonância surge através da literatura vinculada ao jornalismo que, resultado de um fenômeno que acontecia na Corte (SODRE, 1966), proliferou-se pelas Províncias do Brasil – e a de Rio Grande de São Pedro não foi diferente.

Por essa via, a convivência social entre as mulheres fora da esfera do lar era promovida pela literatura que elas publicavam em jornais. As intelectuais que desejavam ser ouvidas estabeleciam relações entre si e entre grupos letrados, buscando apoio na divulgação de suas obras, ideias e pensamentos, como forma de estabelecer sua própria identidade.

Vários foram os nomes femininos os quais eram presença constante nos jornais sul-rio-grandenses, em publicação de poemas, crônicas, pensamentos, artigos, etc. São eles: Rita Barém de Melo, nos jornais *O Guaíba*, *Revista Partenon Literário* e no *Atualidade* (1867); Clarinda da Costa Silveira, na *Arcádia* e no *Partenon*

*Literário*; Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueiroa, Maria José Coelho, Avelina Barém, Maria Luiza Leal, Candida Isolina de Abreu, Amális A. de Souza e Revocata de Melo, todas colaboradoras na *Revista Partenon Literário*; Carolina Von Koseritz, no *Jornal do Comércio*; Maria Benedita Bormann, na *Gazeta da Tarde*, *O Sorriso*, *A Notícia* e o *Paiz*; Cândida de Oliveira Fortes Brandão, no *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio* e no *Corymbo*; Ana Aurora do Amaral Lisboa, na *Revista Culto às Letras*. Ana Cesar colaborou no *Correio da Manhã*, *O Camaquã*, *Corymbo*, *A Noite*, *A Pátria*; Ibrantina Cardona colaborou no *Corymbo*; Matilde Ulrich Filha, no *Corymbo*; Luíza Cavalcanti Filha, no *Corymbo* e na *Tribuna Feminina*; Ana Saldanha Lisboa colaborou em *O Estímulo*; Francisca Marcant Gomes, no *Diário Popular*, *Opinião Pública Clímax*; e, finalizando a lista, na impossibilidade de citar todas, Mariana Coelho, Revocata H. Melo, Julieta de Melo Monteiro, Mathilde Ulrich de Almeida, Cândida de Abreu Pereira.<sup>1</sup> Parte desse grupofoi também responsável pela fundação de seu próprio jornal, com grande circulação no estado e no Brasil.

Se concebermos como imprensa feminina aquela que é produzida por mulheres e tem como alvo o público feminino, uma das precursoras desse jornalismo na cidade do Rio Grande foi Julieta de Melo Monteiro (1855-1928).<sup>2</sup> “Proprietária e Redatora”<sup>3</sup> que, em 1878, aos 23 anos de idade publica o jornalzinho *Violeta*,<sup>3</sup> um “Periódico Literário, Crítico e Instrutivo”. O jornal variava muito suas publicações, mas geralmente era editado aos domingos. Nele, a jovem jornalista acompanha os movimentos culturais, artísticos e literários não só da cidade e região, como também dos grandes

---

<sup>1</sup>Esta lista é um pequeno fragmento do extenso trabalho organizado em três antologias, sob a organização da pesquisadora Dr.<sup>a</sup> ZahidéLupinacciMuzart. Cf. MUZART, ZahidéLupinacci (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. v. I. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000; MUZART, ZahidéLupinacci (org). \_\_\_\_\_. Apresentação de Nádia BattellaGottlib. *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004; MUZART, ZahidéLupinacci (org). \_\_\_\_\_. Apresentação de Simone Pereira Schmidt. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; CNPq, 2009. E Hilda Agnes Hubner Flores, em: FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

<sup>2</sup> Segundo informações repassadas por Hilda Flores, Julieta de Melo Monteiro nasceu na cidade do Rio Grande em 21 de outubro de 1855. Segundo a historiadora, data e local de nascimento estão erroneamente sendo publicados. Créditos de pesquisa de Maria Christina Minasi Pereira (2006).

<sup>3</sup> A expressão “jornalzinho” era dada pela própria redatora toda vez em se pronunciava sobre sua folha. As edições analisadas do periódico estão disponíveis Biblioteca Rio-Grandense.

centros do país, conforme apresenta a redatora na edição de 11 de agosto daquele ano, uma lista de jornais que foram recebidos pela redação:

*O Besouro*, *O Domingo* e *Iracema*, da Corte; *Gazeta*, de Campinas; *Gazeta*, de Sorocaba; *Imprensa Itauana*, de Itu; *Diário de Campos*, de Campos; *A Sentinela*, de São Paulo; *O Século*, de Maceió; *Mosaico Ouro Pretano*, de Ouro Preto; *Gazeta de Lorena*, de Lorena; *Gazeta Rio Clarence*, de Rio Claro; *Espírito Santanense*, de Vitória; *Caixeiro*, de Porto Alegre; *Diabretes* e *Lusitano*, de Rio Grande; *Santa Cruz*, de Uruguaiana; *Cruzeiro do Sul*, de Bagé; *Cruz Altense*, de Cruz Alta. *Permutaremos* (VIOLETA, 11 de agosto de 1878, p. 1 [grifo nosso]).

Cabe observar que a extensa lista de periódicos recebidos pela redação constituiu-se como um modo de divulgação das letras produzidas pelas mulheres entre a rio-grandina e jornalistas intelectuais de outros estados, haja vista o sistema de permuta que realizavam entre si, prática comum à época.

Julieta de Melo Monteiro ainda fundou em conjunto com a irmã Revocada Heloisa de Melo, o periódico intitulado *Corymbo*.<sup>4</sup> O jornal, que circulou entre 1883 a 1945, com alguns poucos intervalos, conforme VIEIRA(1997) merece relevância na história da imprensa geral e da imprensa feminina mundial, considerando-se a efemeridade de publicações de periódicos no Brasil (SODRÉ, 1966) e, sobretudo, de periódicos femininos. O jornal não divulgava só literatura, mas a temática sobre a igualdade de direitos foi uma constante presença no trabalho das irmãs. Ali, discutia-se a educação, o sufrágio, a profissionalização feminina e o divórcio. Esta última temática demonstra que o jornal legitima seu direito e seu dever de divulgar e publicar fatos de interesse público, sobretudo para as mulheres, conforme lemos no texto que segue:

#### Divórcio

À convite do ilustre e estimável vigário desta paróquia reuniu-se na Igreja Matriz, domingo passado, um grande número de senhoras com o fim de assinarem um protesto dirigido ao Senado Federal contra o projeto da Lei do divórcio absoluto!

Neste mesmo dia foram dirigidos telegramas ao Presidente do Senado, Presidente da Câmara dos Deputados e Senadores Dr. Ramiro Barcellos e Padre Alberto Gonçalves, Dr. Pinto Rocha e

---

<sup>4</sup> Ver o estudo sobre o periódico em: VIEIRA (1997); e PÓVOAS (2005).

redação “absoluto”, assinados pelas distintas e simpáticas Exmas. Sras. Baronesa de Santa Martha, Maria Luiza Viana e Mara Pinto Chaves, dignas conterrâneas comissionadas pelas senhoras rio-grandenses, para representa-las na referida causa [sic] (CORYIMBO, 26 de julho de 1896, p. 2).

O assunto em pauta referia-se ao Projeto de Lei sobre as mudanças na legislação matrimonial que tratava de legitimar o divórcio absoluto. Por conta disso, evidentemente, a sociedade patriarcal conservadora, apoiada pela “igreja a reger e regrar todos os aspectos do viver humano” (QUEIROZ, 2014), ergue-se em protestos e ações que se davam pelas “distintas e simpáticas senhoras”, em consoantes com o que lemos acima.

O *Corymbo* recebia diversas colaborações oriundas de vários estados do Brasil e do exterior.

A produção literária das mulheres no Rio Grande do Sul teve relevantemente apoio de outro jornal, trata-se do *Escrínio*, lançado primeiramente na cidade de Bagé em 1898, por Andradina América de Andrade e Oliveira. A intelectual não era uma revolucionária, mas era uma progressista, uma vez que propagava a igualdade entre os cônjuges. O jornal que se auto intitulava “um cofre de inteligência [...] das produções belíssimas”, não se ocupou só das belas letras e artes, ocupou-se de letras, de artes, mas também, de política, de ciência, de direitos femininos, de educação, de igualdade entre os gêneros e toda realidade circundante desta temática.

O *Escrínio* mantinha um discurso ostensivo aos valores religiosos. A jornalista estava cáustica sobre os princípios de crença religiosa sobre os quais a igreja se baseava na relação de superioridade de um indivíduo sobre o outro. Mesmo mantendo um quadro de colaboradoras e leitoras no jornal, senhoras de famílias tradicionalmente católicas, o pensamento cristão não exerceu influência sobre a intelectual, pois era feminista acima de tudo. Prova disto foi sua argumentação pública em defesa do direito ao divórcio em casamentos já invalidados pelo recíproco consentimento dos cônjuges, quando publica o livro *Divórcio?*, em 1912<sup>5</sup>.

Enquanto a expressão “feminismo” começou a ser muito usada na primeira década do século XX (HAHNER, 2003, p. 250), Andradina já ocupava lugar de destaque no sexto número de publicação do *Escrínio* que, em 23 de janeiro de 1898, publicou: “o

---

<sup>5</sup>OLIVEIRA, Andradina. *Divórcio?*. Porto Alegre: Livraria Universal, 1912. Foi consultada a segunda edição: OLIVEIRA, Andradina de Andrade e. *Divórcio?*FLORES, Hilda (Org.). Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

último deste mês, como o último de todos os outros meses, será consagrado às mulheres” (1898, p. 2). O tema aparece também na publicação dos seguintes títulos: “A mulher”, “Uma heroína”, “Vencendo”, “A liberdade” e “Feminismo”.

Neste conjunto de ações o jornal lança-se em prol da participação das mulheres na vida pública; como podemos ler na nota da edição de 12 de fevereiro de 1910, na coluna “Registrando”:

#### A mulher e a política

Um numeroso grupo de senhoras fluminenses, constituído em comitê, lançou manifesto declarando que a mulher deve interessar-se pela política da pátria.

E como consequência, as organizadoras que já incorporaram crescido número de consórcios, iniciaram ativamente e com entusiasmo a propaganda da candidatura do dr. Ruy Barboza à presidência da república (ESCRÍNIO, p. 84).

O *Escrínio* teve publicações lançadas nas cidades pelas quais a jornalista fixava residência, por conta das inúmeras mudanças. As publicações duraram entre os anos de 1898 e 1910 encerrando as edições na capital gaúcha, Porto Alegre. Levando em conta que ele foi lançado ainda no século XIX, como um espaço público para as mulheres divulgarem suas letras e ideias em uma provinciana cidade do interior do Brasil, este momento foi especialmente relevante para a história do feminismo no Rio Grande do Sul.

Veículo de conhecimento, por excelência, as coleções de jornais e revistas organizadas, redigidas e editadas pelas mulheres no Rio Grande do Sul, representam a memória viva das letras e das ideias feministas na época. E, sem dúvida, são o testemunho da participação delas na história político-social do Brasil. Os acervos revelam não só a incontestável existência da atividade intelectual feminina como foram fruto das indagações delas a respeito de sua condição na sociedade.

O teatro foi outra atividade cultural presente em Rio Grande de São Pedro.<sup>6</sup> O destaque nesse segmento vai para o teatro Sete de Setembro,<sup>7</sup> inaugurado em 1832, quando Rio Grande era ainda

---

<sup>6</sup> Sobre o espaço teatral, arte e cultura na cidade rio-grandina, ver: BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro: os prazeres da cidade, sociabilidade & cultura no Brasil Meridional*. Rio Grande: FURG, 2007.

<sup>7</sup> Conta-nos Lothar Hessel (1999) que, em 1845, o teatro recebeu a família real brasileira.

uma Vila. (HESSEL, 1999). Por ser uma localidade favorecida por um porto marítimo, Rio Grande recebia companhias de países da América do Sul e da Europa. Além disso, sendo uma porta de passagem e/ou de entrada para o Estado e para o Brasil, ela possuía vários grupos dramáticos que atendiam Pelotas, Porto Alegre e região. Interessante ressaltar, igualmente, que Pelotas e Rio Grande “saltam na frente de Porto Alegre na construção de ‘teatros modernos’ antes da Revolução Farroupilha” (ANDRIOTTI, 2012, p. 25).

A cidade de Pelotas que contava com o teatro Sete de Abril, disputava com Bagé a “honra de ser a quarta do estado em matéria de teatro” (HESSEL, 1999, p. 124). Estas cidades foram palcos de uma generalidade de autores e autoras de peças teatrais. Só em Porto Alegre, segundo Athos Damasceno Ferreira (1975), em 1829, havia quarenta associações. Em conformidade com Guilhermino César (1956), a dramaturgia produzida no Rio Grande do Sul teve uma “reiterada atuação na capital e no interior de sociedades dramáticas, desde as formadas por iniciativa individual, até aquelas que viviam na dependência de grêmios recreativos ou clubes dançantes” (p. 259).

Entre escritores de teatro rio-grandense, César aponta nomes femininos, como Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) Nascida em Rio Pardo a educadora deixou publicada as obras *Não saber ler* – cena dramática infantil (1916), *Festinhas escolares* – comédia, diálogos e monólogos (1925) e o *Teatro de Dona Aurora do Amaral Lisboa* (1931), *A culpa dos pais* [s.d.]. Outro nome apontado pelo autor é Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) que nascida em Rio Grande em 1855, publicou *Mário* e *Coração de Mãe*, dramas em coautoria com Revocata H. de Melo; *Noivado no céu*, ato em verso (representado em Porto Alegre, RS, em 1899); *O segredo de Marcial*, drama (representado em Rio Grande, RS). Já Bittencourt (2007), inscreve o nome de Revocata Heloisa de Melo. E o último nome, não menos importante, da dramaturgia sul-rio-grandense é de Andradina de Oliveira (1964-1935).

Com o objetivo de ampliar o quadro histórico da produção teatral produzido por mulheres, ainda tão parca, daremos enfoque ao nome da intelectual Andradina América de Andrade e Oliveira que foi jornalista e não só escritora de texto para teatro, mas também atriz e, por iniciativa individual, produziu espetáculos e cultura no seu Estado.

Viúva, residente na cidade de Pelotas, a professora Andradina encontra um novo companheiro para a vida,<sup>8</sup> o felizardo seria Júlio de Oliveira – “artista dramático de grande talento, discípulo de Furtado Coelho,<sup>9</sup> [...] uma glória rio-grandense” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 211).

No ano de 1896, junto ao novo esposo e possivelmente sob sua influência, ela deixa de lado a profissão do magistério, profissionalizando-se como atriz. Na cidade de Bagé, faz sua *première* nos palcos e depois sai em *tournée* pelo Estado, onde realiza diversas apresentações. A respeito da mesma, o jornal *Taquariense* informa que em outubro daquele ano:

A inteligente professora normalista D. Andradina de Oliveira, que há pouco abandonou o magistério, fez-se atriz e estreou em Bagé há poucos dias. A nova atriz e seu marido Júlio de Oliveira estão contratados pelo ator Nóbrega por uma excursão artística por diversas cidades do Estado (O TAQUARIENSE, apud HESSEL, 1999, p. 88).

O casal movimentava o teatro local atingindo bons resultados e agradando ao público com suas apresentações, acontecimentos acompanhados pelo mesmo jornal, segundo Lothar Hessel, que escreve: “E a 24 daquele mês [O *Taquariense*] conta que os jornais de Bagé tecem encômios à estreia, no teatro, da ex-professora D. Andradina de Oliveira” (1999, p. 88).<sup>10</sup>

De Bagé, os atores partem para a cidade de Pelotas onde fazem mais algumas apresentações que são noticiadas pelo jornal *Corymbo* de Rio Grande, em março de 1897. Na cidade de Rio Grande sua *première* foi registrada pelo mesmo jornal:

---

<sup>8</sup>Em 14 de setembro de 1895, o jornal pelotense *O Brazil*, anuncia que “o inteligente ator rio-grandense Júlio de Oliveira organizou, para quinta-feira próxima, em benefício das duas inocentes órfãs do professor Camargo, um riquíssimo espetáculo que contará das espirituosas comédias: *O lenço branco*, em três atos e *Um dentista e dois clientes*. Num dos intervalos será recitada a bonita poesia *A festa da caridade*” (*O Brazil*, p. 1). Muitas outras notícias sobre o ator Júlio de Oliveira são encontradas neste jornal de Pelotas, onde, ao que parece, vivia.

<sup>9</sup>Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho (Lisboa 1831-1900) foi um ator, dramaturgo, compositor, pianista, poeta e empresário português que fez uma movimentada carreira, principalmente no Brasil, obtendo grandes sucessos, mas, também, enfrentando vários fracassos. Foi o pioneiro e o mais destacado defensor da estética realista e um de teatro brasileiro no final do século XIX, período em que esta arte se tornava o mais popular entretenimento público e o mercado ainda era dominado pelos autores, atores e empresários portugueses. (HESSEL, 1999)

<sup>10</sup> Informação apresentada pelo autor em nota de rodapé.

Quarta-feira teve lugar no nosso teatro o espetáculo anunciado em benefício do simpático ator rio-grandense Júlio de Oliveira, que cedeu generosamente 20%, de sua festa em favor da Biblioteca Rio-Grandense.

Subiu à cena pela primeira vez o bonito drama “A cruz de mármore” que agradou geralmente, e a espirituosa comédia “A costureira” a qual provocou gostosas gargalhadas. [...] No desempenho do drama e comédia encarregaram-se além de Júlio de Oliveira e sua digníssima esposa, os Srs. Arthidor e Figurelli. [...] Andradina de Oliveira esteve realmente inspirada. Podemos dizer que esta foi sua noite mais feliz. [...] Também no intervalo [...] a escritora D. Andradina recitou uma inspiradora poesia, saudando seu esposo como artista [...] sendo esta cena aplaudida com entusiasmo pela plateia (Corymbo, 1 de agosto de 1897).

O casal permanece pouco tempo na cidade. Em dezembro de 1897, tem-se notícia do casal Oliveira em Bagé, fornecido pelo jornal local *O Comércio*.

O Sr. Júlio de Oliveira e sua esposa D. Andradina de Oliveira realizam hoje no “28 de Setembro” um atraente espetáculo em que irão à cena o drama “Noivado no céu”, comédia “Amor por Annexins” e cena da cruz do drama “Deus e a natureza”. Além disso, recitará [...] D. Andradina, a inspirada poesia – “A liberdade” (*O Comércio*, ano IV, n. 798, 4 de dezembro de 1897, p. 1).

Durante o mês de dezembro, *O Comércio* apresenta-se repleto de notícias sobre os espetáculos promovidos pelo casal. O programa teatral estendia-se entre gêneros da comédia aos dramas, sendo as peças sempre intercaladas com recital de poesias lidas por um ou outro.

Inquieta sempre, a atriz parte para a cidade de Santa Maria onde fica apenas alguns meses, quando, posteriormente transfere-se para Porto Alegre, capital gaúcha, em meados do ano de 1901.

A capital do estado proporcionava ao casal um espaço cultural mais amplo e, por essa via, além da jornada de atriz e dramaturga, Andradina expandia seu trabalho em favor das artes cênicas. Há notícias no jornal local, *O Independente*, de que ela vinha desenvolvendo incessante atividade junto ao teatro como produtora de espetáculos. Lemos na Seção “Pelos palcos”:

Realiza-se amanhã, no Teatro São Pedro, o festival artístico organizado pela nossa inteligente patrcia Exma. Sra. Andradina de Oliveira. Consta-nos que para esta festa teatral, há grande

animação, sendo bastante lisonjeira a passagem da casa. [...] Feliz êxito, desejamos a promotora da festa (O INDEPENDENTE, 5[?],<sup>11</sup> 24 de novembro de 1901).

Neste tempo ficamos sabendo não só sobre a existência da filha Lola, “uma gentil filhinha de cinco anos de idade, verdadeiro ídolo dos seus extremosos pais” (*Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901*, p. 211),<sup>12</sup> como, ainda, a pequena teria herdado o gosto pela arte dramática. Lola de Oliveira, no papel de protagonista, estreou a peça *A Boneca de Lucia* no festival cultural promovido pela mãe. Notícia veiculada no jornal *O Independente* que informa o programa do Festival Artístico:

Realizou-se, nesta segunda-feira, no Teatro São Pedro, o Festival Artístico promovido pela nossa inteligente patrícia Exma. Sra. D. Andradina de Oliveira, redatora e proprietária do Escrínio [...] o programa que fora organizado com esmero e gosto, foi executado com toda a proficiência.

A segunda parte – *A Boneca de Lucia*, monólogo pela gentil menina Lola de Oliveira, foi bem interpretada. A terceira parte ficou a cargo de um concerto vocal e instrumental. A quarta parte do festival era literária e “nada deixou a desejar”. A quinta parte, outro concerto musical e vocal acompanhado de violino e piano. E completa a notícia “foi uma bela noite e que bem gratas recordações deixou no resumido, mas escolhido auditório” (O INDEPENDENTE, 1º de dezembro de 1901).

Andradina desenvolveu suas atividades teatrais fora do principal centro cultural do país, Rio de Janeiro, porém isso não representou grande obstáculo para reconhecimento do seu trabalho, pelo menos no sul do país; fato que constatamos pela quantidade de informações prestadas somente no jornal *O Independente*, que divulgava quase que diariamente, ao longo do segundo semestre de 1901, notícias sobre o trabalho dela como atriz e promotora de

---

<sup>11</sup> Utilizamos este sinal para identificar a ilegibilidade do número.

<sup>12</sup> Embora esta informação nos pareça clara sobre a paternidade de Lola, na biografia que ela escreve da mãe, em 1958, a este respeito, lemos: “[Andradina] foi casada com o tenente Augusto Martiniano de Oliveira, e mãe amantíssima de dois filhos: Adalberon, que faleceu em plena adolescência e Lola, a autora deste livro” (p. 99). A autora não menciona o nome do pai como sendo do ator Júlio de Oliveira, deixando parecer que ela seria filha do primeiro marido da mãe. Ao que parece, Lola queria salvaguardar a memória da “mãe idolatrada” das tão severas convenções sociais, pois sozinha e liberal Andradina teria, para a sociedade, o adjetivo de prostituta.

cultura no principal teatro da capital, o Teatro São Pedro.<sup>13</sup>

A obra teatral de Andradina perpassou por uma variedade de gêneros. Da comédia ao drama, entre os anos de 1891 a 1904, ela leva aos palcos as seguintes obras: *O sacrifício de Laura* (drama) que, embora escrito na infância, foi retomado em 1891; *Você me conhece?* (comédia),<sup>14</sup> em 1899; *Antônio Conselheiro* (drama histórico),<sup>15</sup> *Viúva e virgem* (drama)<sup>16</sup> e *Berço vazio* (drama). Estas duas últimas produzidas no ano de 1902, e publicadas na revista *A Crise* (OLIVEIRA, Lola. 1958). Pelo trabalho em teatro, a intelectual é reconhecida como dramaturga por um número de pesquisadores e historiadores.<sup>17</sup>

No que se refere à dramaturgia no Rio Grande do Sul, aponta o pesquisador Ezio da Rocha Bittencourt no livro *Da rua ao teatro: os prazeres de uma cidade*,<sup>18</sup> 2007, que:

---

<sup>13</sup>O Teatro São Pedro foi inaugurado em 27 de junho de 1858. Tornando-se um polo artístico e social do país, durante mais de cento e cinquenta anos de existência, este teatro recebeu e recebe, em seus camarotes, galerias e palco, personalidades artísticas e políticas importantes do país e fora dele. O TSP conta, ainda, na atualidade, com uma programação artística e cultural extensa. Ver história e programação disponível em <http://www.teatrosaopedro.com.br/tsp/historia>.

<sup>14</sup> Segundo Andradina, a comédia foi “representada com sucesso na cidade de Rio Grande, em 1899” (OLIVEIRA, 1908, p. 90).

<sup>15</sup> “Drama histórico apresentado em nove quadros, ornado de música escrita pelo notável maestro brasileiro Assis Pacheco e representado com ruidoso sucesso, três vezes, em Porto Alegre, em 1902” (OLIVEIRA, 1908, p. 90).

<sup>16</sup> Drama em três atos. (OLIVEIRA, 1908, p. 90)

<sup>17</sup> Américo Lopes Vieira (1911); Guilhermino Cesar (1956); Ari Martins (1978); Raimundo Menezes (1978); Lothar Hessel (1999); Valéria Andrade Souto-Maior (1996); Schuma Schumaker (2000); Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza (2001) e Nelly Novaes Coelho (2001).

<sup>18</sup> Embora seja a mais completa obra que encontramos sobre o teatro e a vida cultural na cidade do Rio Grande, não constatamos, nesse trabalho, nenhum vestígio sobre o teatro realizado por Andradina. Ao mesmo, na Biblioteca Rio-Grandense há um vasto material sobre os teatros locais. Entre o material, analisamos o seguinte: teatro Sete de Setembro, entre 1832 a 1884; Anfiteatro Albano Pereira ou Politeama, entre 1876 a 1940, sendo que, neste, encontramos referências sobre a Companhia Dramática de Furtado Coelho, onde vimos agregado, em outro momento da tese, o nome de Júlio de Oliveira; Sociedade União Operária, entre 1906 a 1940; Cine Teatro Carlos Gomes, entre 1936 a 1941; Cine Avenida, entre 1929 e 1940. Pesquisamos, também, outros materiais, como o da Liga Monárquica, Clube Recreativo Operário, Cine Teatro Ideal e Rancho Carnavalesco, entre 1918 a 1939; e “Espaços teatrais desconhecidos”, assim descritos, entre 1877 e 1939. Havia, também, material sobre atividades em alguns teatros pelotenses como Teatro Sete de Setembro, em que realizamos pesquisas entre 1845 até 1937; e alguns teatros porto-alegrenses em “Palco, salão e picadeiros no século XIX”; no “teatro declamado no século XIX”, entre 1899 e 1939. Mas, infelizmente, em todo o conjunto de material pesquisado não encontramos o nome da atriz e dramaturga Andradina de Oliveira.

Durante o século XIX muitos foram os amantes da literatura seduzidos pela dramaturgia. Todavia, raros foram os dramas e as comédias impressos, o que gerou por anos uma ideia injusta de que as letras cênicas pouco se desenvolveram no Rio Grande do Sul. Se muitas dessas peças se perderam no tempo, os periódicos da época e os prospectos dos teatros revelam inúmeros títulos e autores. (2007, p. 137-138).

Segundo o autor, inúmeros são os destaques dados às casas de espetáculos rio-grandenses pelos jornais da época. Os espetáculos realizavam-se perante avultada concorrência do elevado número de dramaturgos que nasciam em Rio Grande ou que na cidade residiam. Seus textos eram “encenados pelas companhias artísticas visitantes e, por vezes, incorporados aos repertórios de suas *tournées*” (2007, p. 142). Nesta perspectiva, os espaços teatrais constituíram-se em lugar privilegiado para o texto cênico, “todavia, raros foram impressos” e publicados. Provavelmente entre alguns os trabalhos que se perderam no tempo estão os inúmeros produzidos pela dramaturga Andradina de Oliveira, os quais não foram encontrados.

Predestinadas pelo nascimento, a chave da emancipação feminina estava na produção de cada discurso que produziam, mas que, muitas vezes, surpreendiam e chocavam a sociedade. Sendo assim, as vozes que se sobressaíam na luta pela redefinição das identidades, dessacralizando valores indiscutíveis da “ordem natural da sociedade”, sofriam críticas e pesadas desditas. Do Mito, a literatura grega, significativamente nas figuras de Helena e Antígona, consolidada as relações sociais, determinando um sistema de permissões e proibições, e por estes, o sacrifício explicava e ordenava toda aquela visão de mundo.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRIOTTI, Décio. Companhias líricas no Rio Grande do Sul: a vinda e sustentação da ópera. In: FLORES, Hilda Agnes Hubner; NEUBERGER, Lotário. *Casas de espetáculo*. Porto Alegre: CIPEL, EDIPLAT, 2012.

BASSANEZI, Carla Beozo. *Virando as páginas, revelando as MULHERES: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O Belo Sexo- imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. 269

- p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- BITTENCOURT, Ézio. *Da rua ao teatro: os prazeres de uma cidade – sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da história de Rio Grande* Rio Grande: FURG, 2007
- CORYMBO. Proprietária e redatoras: Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Rio Grande do Sul, ano XIII, n. 21, 26 de julho de 1896.
- CORYMBO. Proprietária e redatoras: Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Rio Grande do Sul<sup>1º</sup> de agosto; ano XIV, n. 74,
- ESCRÍNIO, Revista Semanal Ilustrada. Diretora: Andradina de Oliveira. Secretária: Lola de Oliveira. Ano XI, n. 7, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de fevereiro de 1910.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.
- HAHNER, June Edith. A imprensa dos direitos da mulher. In: HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. (1859-1940)*. Tradução de Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003
- HEssel, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901/ 51º ano da coleção
- Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1901 /;51º ano da coleção*
- OLIVEIRA, Lola. *Minha Mãe!!* Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, 1958.
- O Comércio, Órgão dos interesses locais. Rio Grande do Sul, Bagé, ano IV, n. 798, 4 de dezembro de 1897, .
- O Comércio, Órgão dos interesses locais. Rio Grande do Sul, Bagé, ano IV, n. 798, 4 de dezembro de 1897
- O INDEPENDENTE, ano I, [s.n], 24 de novembro de 1901.
- O INDEPENDENTE, ano I, [s.n], 1º de dezembro; de 1901 .
- QUIROZ, Júlio. *A mulher na humanidade*. Blumenau: EDIFURB, 2014.
- ROSEMBERG, Fúlvia (orgs). *Vivência: História, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.122-149.
- SOARES. Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835- 1945). In BRUSCHINI, Maria Cristina A;
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VIEIRA, MíriamSteffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*. 165p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

VIOLETA, ano I, n. 22, 11 de agosto de 1878.

Recebido em 07/08/2017

Aprovado em 21/10/2017